

**Conflito de interesse**

Não há conflito de interesses.

**Recebido**

2 ago. 2024

**Aprovado**

6 ago. 2024

# Considerações sobre o 36° Congresso da Soter. Economia e Inteligência Artificial: desafios à sociedade e à religião

Ceci Maria Costa Baptista Mariani<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. E-mail: <cecibm@puc-campinas.edu.br>.

**Como citar este artigo:** Mariani, C. M. C. B. Considerações sobre o 36° Congresso da Soter. Economia e Inteligência Artificial: desafios à sociedade e à religião. *Reflexão*, v. 49, e2413893, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49A2024e13893>

## Resumo

Este trabalho é uma síntese das conferências proferidas no 36° Congresso da Soter, ocorrido na PUC Minas em Belo Horizonte entre os dias 9 e 12 de julho de 2024. Nesse evento, debateu-se sobre os desafios do desenvolvimento da inteligência artificial. Esta síntese foi apresentada em plenário na manhã do último dia do congresso.

**Palavras-chave:** Congresso da Soter; Desafio. Inteligência artificial.

O Congresso da Soter<sup>2</sup> 2024 foi aberto num clima de boas expectativas, apesar da postura crítica diante de uma novidade que representa grandes desafios para a sociedade, para a religião e como nos lembrou Dom Marcelo Barros em sua conferência, para as espiritualidades: “economia e inteligência artificial”.

A tecnologia já foi tema da 24<sup>a</sup> edição do Congresso da Soter, que tinha como objetivo o enfrentamento daquilo que já se apresentava como problema para a religião e para a sociedade, por meio de uma abordagem multidisciplinar. A preocupação já era com a sobrevivência do planeta e a humanização das relações entre suas sociedades. O posicionamento crítico e a preocupação ética estavam presentes e se buscava “refletir, mediante sólida argumentação e pesquisa filosófica, teológica e científica, sobre a necessidade de uma aproximação maior entre religião e ciência em vista das perspectivas e riscos que se abrem neste início de século”.

Depois de 15 anos, voltamos ao tema com objetivos semelhantes, posicionando-nos como Quixote diante dos grandes moinhos, tendo como armas, ainda, apenas palavras: fraternidade, dignidade, paz, amor, justiça, compaixão, sabedoria, discernimento. Nossas palavras, palavras ligadas a longas tradições, poderão oferecer contribuições qualitativas para esse tema, que se tornou mais desafiador que antes? Terão nossas palavras condições de responder a este momento em que vigora um “regime de transição” que tem levado à geração do indivíduo tecnológico?

<sup>2</sup> A maioria das conferências proferidas no 36° Congresso da Soter estão publicadas em: Peretti, C.; Guimarães, E.; Alves, M. J. S. (org.). *Economia e inteligência artificial: desafios à sociedade e à religião*. São Paulo: Paulinas, 2024.

Agora, todavia, fomos instados a escutar. Na abertura do congresso, fomos alertadas, alertados para a necessidade de escutar a “voz do hoje”: seus ruídos, as contribuições dos outros e outras. Além de respeitar os silêncios, fomos convidadas, convidados a uma escuta atenta e dócil dos processos, não deixando de lado o que é próprio da nossa dimensão religiosa: a esperança.

Agora, percebe-se que é importante escutar outras vozes. Com um ouvido, fomos convidados a escutar jovens engenheiros que trouxeram gráficos, fórmulas e conceitos acessados com palavras-chave ainda pouco conhecidas neste mundo das Ciências da Religião e Teologia. Palavras-chave que conduzem a artigos indexados em bases pelas quais não costumamos navegar. Portadores de palavras que servem à decifração da novidade que se anuncia como o ruído no topo do morro que está prestes a desmoronar e arrastar tudo que encontra pelo caminho.

Com o outro ouvido, entretanto, recebemos o alerta, pelas palavras do velho monge, representante da epistemologia do Sul, sobre a necessidade de escutar as espiritualidades dos povos originários, das religiões negras, religiões populares, comunidades portadoras de saberes de sobrevivência e de uma espiritualidade ecológica. E, com isso, mediante o desafio da inteligência artificial, alçar, alavancados pelo retorno às sabedorias originárias, a um novo patamar da relação entre fé e ciência.

Qual é a face da tecnologia na Contemporaneidade e que desafios ela tem trazido à sociedade e à religião? Esta foi a pergunta que orientou o debate. O cartaz de divulgação do congresso trouxe uma imagem interessante. Elaborada por Tiago Parreiras (Seth Comunic), que utilizou como base uma figura gerada pela inteligência artificial da Adobe, a imagem mostra um rosto jovem, com traços suaves e femininos, cabelos fartos nos quais se vê um grande número de ícones representando a diversidade de informações em processamento que constituem a inteligência artificial. A imagem revela uma opção pela suavidade. No processo de criação, foram geradas algumas imagens estranhas, confessou o autor, imagens que, em vez de comunicar suavidade, comunicavam monstruosidade. O fato é que fomos vendo que estamos como que diante de uma esfinge a nos apresentar um enigma acompanhado também do misterioso ultimato: “decifra-me ou te devoro”. A face da tecnologia contemporânea tem suavidades e monstruosidades. Vimos que a evolução da que possibilitou a emergência da inteligência artificial é um fenômeno de grandes dimensões e grande complexidade. A tecnologia deixou de ser ferramenta e tornou-se, assim, um ambiente.

No fim do primeiro dia, foi-nos dado perceber que o impacto social dessa novidade ainda não é claro. No processo desta revolução em andamento parece que os trabalhos artesanais serão preservados. Isso indica que podemos ser surpreendidos por novas relação de poder e, quem sabe, pode indicar também que o retorno às sabedorias originárias é um movimento importante e necessário. Nesse sentido, vale retomar da espiritualidade da libertação a sua recomendação de “beber do próprio poço”.

O segundo dia colocou em pauta a política. É inegável que a relação entre religião, espiritualidades e política foi sempre uma constante nos debates desta sociedade. Se sistematizássemos num artigo a história dos 34 congressos, poderíamos ver que as palavras-chave “política” e “sociedade” estiveram presentes em muitos dos objetivos propostos (talvez em todos). Mas o que há de novo agora? Fomos provocados a refletir novamente sobre a participação política, tendo no horizonte uma democracia participativa em termos digitais, sem deixar de considerar que nossa aposta é na força da fragilidade do “princípio democrático” que rege uma forma de governo que, ao entregar a todos o poder, está sujeito a jogos de interesse.

Podemos destacar, do que foi dito, que, da constatação da relação entre religião, novos recursos digitais e teologia do domínio, *emerge* a necessidade de garantir a laicidade do Estado. Em termos teológicos, afirmou-se que “a laicidade do Estado é a entrega do divino a quem Ele ama”. O novo desafio é a política que *emerge* da relação entre capitalismo digitalizado e *big techs*, relação que traz como consequência a deterioração do trabalho e aprofunda a desumanização. Foi lembrado que o neoliberalismo busca despolitizar a sociedade, pondo em foco a economia. O capitalismo, no momento atual, prefere um governo autoritário, mas, paradoxalmente, subordinado ao neoliberalismo radical. Tira proveito da crise da verdade, que não é a consciência da relatividade da verdade, mas o domínio da falsidade. Fomenta fundamentalismos e autoritarismos que se afirmam detentores da verdade. Podemos inferir dessa análise que é preciso confiar na verdade e anunciar que ela é alcançada na escuta das vítimas, dos pobres e no diálogo – provisoriamente alcançada apenas, pois a vida é dinâmica e, considerando nossos limites, a verdade é sempre uma busca que exige contínuo discernimento.

No contexto da preocupação com a sociedade, passou-se a reflexão sobre a base antropológica que coloca novos desafios para a ética. Interessante foi a percepção da relação entre o aprofundamento do questionamento sobre a morte de Deus e a emergência do projeto antropológico proposto pelo transumanismo. Na atualidade, radicaliza-se a dedicação do humano ao próprio poder em curso desde o século XIX. Em torno da proposta da reforma (ou melhoramento) do humano pela tecnologia, aprofunda-se o questionamento sobre a morte de Deus. O que se observa é que o grande poder alcançado pelo humano, unido ao maior dos vazios, que é a morte de Deus, tem levado à falta de referenciais éticos. Intensifica-se, com isso, o apelo à responsabilidade.

Dessa reflexão surgiram dois questionamentos importantes: a referência ética deve ser religiosa? Ou, reformulando, deve levar em conta a importância da dimensão religiosa no contexto do Estado, que deve ser laico? Outro questionamento levantado é referente ao anseio pela cura da imortalidade, buscada pela perspectiva transumanista: o que dizer sobre a cura da falta de sentido que tem levado pessoas a desistir da vida?

O fato é que estamos sendo alçados a um novo patamar e despreparados para enfrentar os desafios que o desenvolvimento tecnológico nos tem apresentado. Falou-se em encontrar alternativas ao desenvolvimento e retomar questões de nossa alma, pois existe, considerando a psicologia do profundo, um elemento religioso em nossa psique.

O terceiro dia tematizou qualidade de vida e comunicação. Em primeiro lugar, refletiu-se sobre a alteração, em nossa subjetividade, de um fenômeno que possui dimensão ambiental. É fato que a onipresença da tecnologia suscita a pergunta sobre a autonomia dessa rede que condiciona nossos hábitos. A perspectiva filosófica nos ajudou a reconhecer que uma nova experiência de espaço e tempo provoca uma alteração ontológica: não apenas virtualização de espaço e tempo, mas uma aceleração da aceleração provocada por aceleração ubíqua, isto é, pela aceleração constante e onipresente em diversos aspectos da vida contemporânea, impulsionada pela tecnologia digital e a conectividade global. Diante disso, permanece a pergunta: como a atual transformação está afetando as espiritualidades?

Em seguida, na perspectiva de uma reflexão antropológica em diálogo com a teologia, acrescentaram-se à análise três pontos críticos: o primeiro diz respeito às metanarrativas que oferecem valores e sentidos na constituição de narrativas que interpretam a realidade. O desenvolvimento tecnológico, por conta de sua atuação pelo desencantamento, concorre para a destruição de metanarrativas. O segundo ponto crítico é o aprofundamento do dualismo, a separação entre corpo e espírito, que tem como auge a rejeição das fragilidades e a dispensa

do corpo. O terceiro tem que ver com a tensão entre poder e a fragilidade necessária ao bem viver. O poder sem limites prometido pela tecnologia ameaça a dinâmica fértil entre robustez e vulnerabilidade que caracteriza a humanidade. Após mais esse momento de crítica, foi-nos colocada uma perspectiva: observa-se, entretanto, os sinais de um princípio de humanidade, o aparecimento de mecanismos de reação: o cansaço frente à aceleração da vida, a indignação, a não resignação, a resistência. Elementos que abrem a esperança para sonhar com uma nova humanidade comprometida com qualidade que abranja a totalidade da vida. Isso, sem dúvida, é coisa de religião.

No que diz respeito à temática da comunicação, refletiu-se, em primeiro lugar, sobre ações e comunicação para o bem comum, considerando que a comunicação, hoje, já não é singularmente humana. Estamos diante de desafios postos à construção do bem comum em meio a interações ecológicas que se estabelecem entre o ser humano, as tecnologias digitais e os processos comunicacionais na nossa “casa comum”. Verifica-se a necessidade de superar o antropocentrismo e levar em conta não apenas o bem de todos os seres humanos e do humano como um todo, mas também de todos os seres e de tudo o que habita e constitui “cada comum” em sua complexidade e interconexão. A proposta é pensar um humanismo digital integral centrado nas redes de relações, uma biocomunicação: biofísica, ética, ecológica, integral e que vá contra a desumanização.

No contexto da tematização da relação entre comunicação e inteligência artificial, acrescentou-se o destaque para dois problemas a serem enfrentados: a intolerância algorítmica, que reflete a contaminação da algoritmização das relações por preconceitos, e o uso da desinformação para interferir no interesse público. Uma proposta fechou esta seção: trabalhar com processos críticos, educativos e humanizadores. Empreender (urgentemente) uma educação midiática para possibilitar que as pessoas entendam esse processo e participem dele.

Terminamos o congresso, no quarto dia de conferências e debates, buscando recolher os elementos que ajudassem a sustentar a utopia religiosa da casa comum mediante o poder da economia neoliberal globalizada e do jogo de interesses. Apesar da convicção cada vez mais clara da necessidade de abandonar o antropocentrismo, vê-se que, ao longo das apresentações e debates, não se abandonou o termo “humanização”. A nova trama de relações, que inclui uma nova relação humano-máquina, com suas ameaças e oportunidades, continua a depender de nossa poderosa e também pobre e frágil humanidade: parece que vale, ainda, a afirmação de que o bem viver nesta casa comum supõe opções humanas éticas, políticas e religiosas. Pressupõe o uso da liberdade para além de certas funções intelectuais que a máquina tende a poder imitar. A capacidade de decidir humanamente envolve o corpo que a máquina não tem, e o humano, em sua integralidade, concluímos, não deve abandonar suas velhas palavras-chave: fraternidade, dignidade, paz, amor, justiça, compaixão, sabedoria, discernimento e, fundamentalmente, esperança, que é a palavra-chave que identifica a contribuição das espiritualidades e religiões.